

A Lgbtfobia Por Trás das ‘Palavras Nossas’ de Cada Dia¹

Dom AC Condeixa de Araujo²

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Unifesspa

RESUMO

O propósito do presente artigo tem como foco abrir uma discussão sobre o conceito de violência simbólica, trazido por Pierre Bourdieu. Para o sociólogo francês, violência simbólica é uma violência “invisível”, adotada por meios genuinamente simbólicos de comunicação e conhecimento, que se constitui em um vínculo de subjugação-submissão e que resulta de uma dominação, da qual o dominado é cúmplice, dado o estado natural em que a realidade se apresenta. Para isso, partimos de uma pesquisa aplicada juntos aos alunos de graduação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará(Unifesspa), de diferentes cursos. Se, para o sociólogo francês, a violência simbólica é uma violência “invisível”, que meios simbólicos de comunicação e do conhecimento adotaram, acreditamos que, a partir, dos resultados da pesquisa possamos criar um panorama de frases de “uso comum” entre os entrevistados e imbuídas de simbólica violência, para que possamos usar no combate à Lgbtfobia.

PALAVRAS-CHAVE: Lgbtfobia; violência simbólica; discurso de ódio

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade, Diversidade, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Dom AC Condeixa de Araujo é Doutor pelo Programa de Pós-graduação de Comunicação e Informação em Saúde(PPGICS) da Fiocruz, é professor e atual vice-diretor da Faculdade de Comunicação da Unifesspa, acondeixa@unifesspa.edu.br

INTRODUÇÃO

A ideia da pesquisa surgiu da atuação do pesquisador, atualmente Coordenador de Apoio à Diversidade de Gênero e Sexualidade do Núcleo de Ações Afirmativas Equidade e Diversidade (NUADE), nas Rodas de Conversa e Minicursos do Programa Educação para a Diversidade, um ciclo de formação continuada com ações voltadas à comunidade acadêmica da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa, objetivando a sensibilização para a Diversidade. Construído em parceria pela Coordenadoria de Acompanhamento Docente e Discente (Cadd)/Proeg; Divisão de Formação Docente e Apoio ao Discente (Difdad)/Proeg; Divisão de Regulação e Avaliação de Cursos (Dirac)/Proeg e o Núcleo de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (Nuade), o programa pretende atender demandas formativas apresentadas pela própria comunidade acadêmica da Unifesspa, dentre elas, A necessidades de desenvolvimento profissional, constantes no Plano de Desenvolvimento de Pessoas (PDP-2022).

O CENÁRIO

Diferente dos avanços já alcançados no âmbito das relações étnico-raciais na educação, no que tange a gênero e sexualidade, muito tem se discutido nos últimos anos, porém, ainda persiste um cenário de resistência à implementação de leis e abordagens que garantam o respeito aos direitos humanos e a dignidade da pessoa humana. Percebemos, nesse período, que aconteceram uma série de iniciativas restritivas aos direitos, principalmente de mulheres e pessoas trans. Alguns desses retrocessos são: a aprovação, em novembro de 2017, da Proposta de Emenda à Constituição 181 (PEC 181), que ameaça os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres; o aumento expressivo de casos de violência contra mulher e contra a população LGBTQIA+; o caso do Projeto Escola sem Partido, que mesmo arquivado no Senado, desdobra-se em outros Projetos de Lei que tramitam no Congresso Federal, nos estados e nos municípios que compartilham visões semelhantes e retrógradas. Em 2019, o Supremo Tribunal Federal, em decisão histórica, enquadrando a LGBTfobia como tipo penal definido na Lei do Racismo (Lei nº 7.716/89), até que o poder legislativo federal aprove uma lei sobre a matéria, com posterior sanção presidencial. Enquanto isso, o Brasil continua a liderar o ranking dos países que mais

matam LGBTIs+³. De acordo com levantamento do Grupo Gay da Bahia (GGB), ao menos 256 lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros foram vítimas de morte violenta em 2022. A Bahia aparece no topo do ranking com 27 mortes violentas de LGBT+ (10,5%), São Paulo em segundo lugar, 25 (9,7%), em terceiro Pernambuco, com 20 casos (7,8%), em quarto Minas Gerais, com 18 (7,0%), e em quinto lugar, Maranhão e Pará (5,8%), com 15 mortes cada. A média de mortes de LGBT+ no país é de 0,13 a cada 100 mil habitantes. As regiões Nordeste, Norte e Centro Oeste têm praticamente o dobro dessa média, dois LGBT mortos por um milhão de habitantes⁴.

METODOLOGIA

O que nos interessava compreender é aquilo que, a priori, pode não ser considerado violência e o que os sujeitos que dizem ou não dizem, pensam das frases apresentadas. O que vai nas palavras, nas frases repetidas que provocam outro tipo de dor, mas, que não pode e não deve ser tratada como menor. Trabalhamos com o envio de formulário Google Docs para que alunos da graduação pudessem participar. Ao todo enviamos com o objetivo de atingir 300 estudantes, via grupos de WhatsApp das turmas, com o apoio dos professores. Tivemos retorno de 32 alunos dos cursos de Jornalismo, Artes visuais, Administração, Ciências Contábeis, Ciências Biológicas, Engenharia Florestal e Letras, pouco mais de 10% do número de alunos que foram alcançados, dos campi de Rondon do Pará, São Felix do Xingú e Marabá.

A pesquisa “Mais que palavras”, incluía, além de saber o curso, o campus, o sexo biológico, a orientação sexual e a identidade de gênero, que frases, entre elas: "Pode ser lésbica, mas não precisa se vestir como homem"; “Quem é o homem/mulher da relação?”; "Tudo bem ser gay, mas não precisa ficar dando pinta"; “Você não acha que é lésbica só por que nunca encontrou o homem certo?”; “Você nem parece gay” ou "Você nem parece lésbica"; "Vocês podem não se tocar ou beijar? Meus filhos não vão entender"; “Quando ou como você virou LGBTQIA+...?”; "Tudo bem ser LGBTQIAP+, mas, não precisa sair contando para todo mundo"; “Ser LGBTQIA+, tudo bem, contanto que não dê em cima de mim!”; “Sabe aquele(a) gay / lésbica...?”; “Vocês não aceitam opiniões

³ <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/>, acesso em 08/07/2023

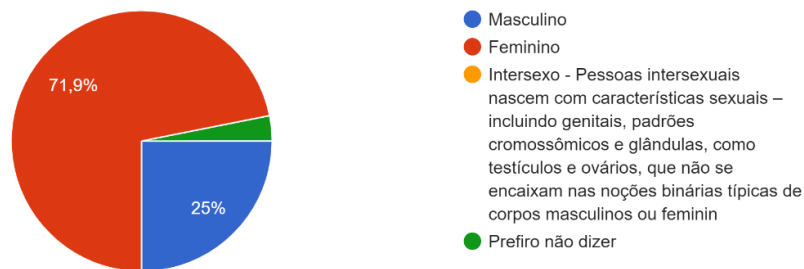
⁴ <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violentas-de-lgbt-brasil-observatorio-do-grupo-gay-da-bahia-2022/>, acesso em 08/07/2023

contrárias e ficam de mimimi” , já tinham sido ouvidas por ele/ela/elu., quem as tinham dito, quais ele/ela/elu já tinham proferido e por qual ou quais motivos.

Identificando os sujeitos: sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual

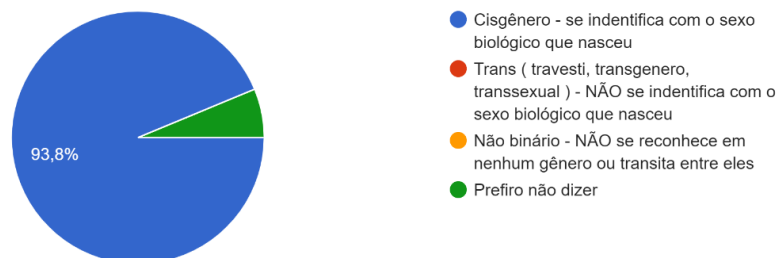
Sexo (queremos saber seu sexo biológico)

32 respostas



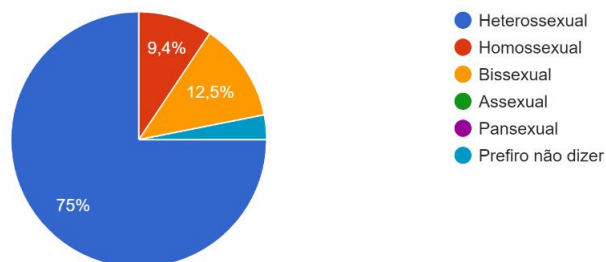
Identidade de Gênero (diz respeito à experiência interna e individual relacionada ao gênero com o qual a pessoa se identifica) Fonte: <https://www....diferenca-orientacao-sexual-identidade-de-genero/>

32 respostas



Orientação sexual

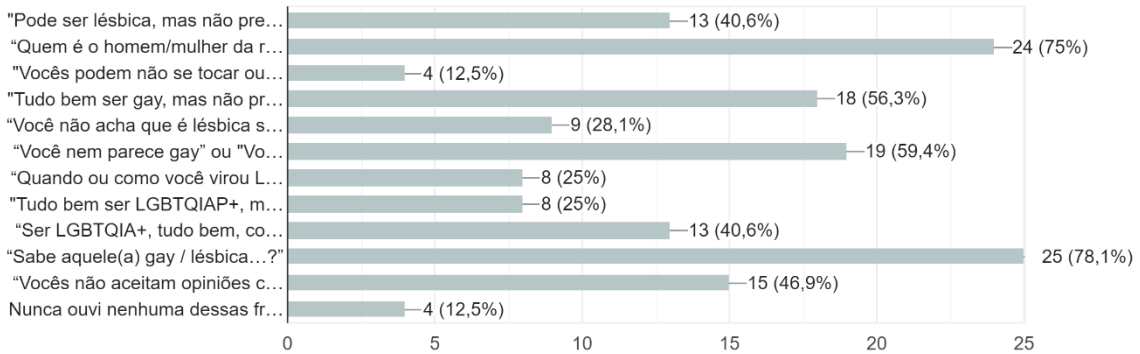
32 respostas



Frases: que ouviu, de quem ouviu:

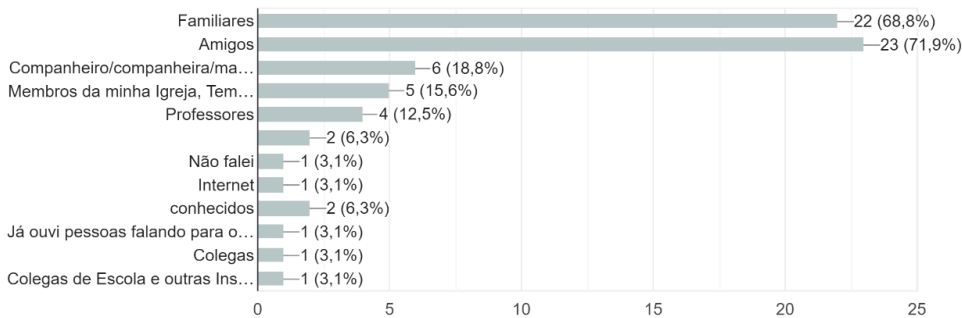
1. Já ouviu algumas dessas frases? Se precisar, marque mais de uma opção.

32 respostas



2 - Se sim, por quem? Se quiser, marque mais de uma opção.

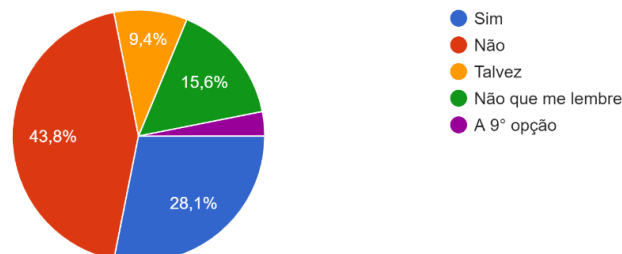
32 respostas



Frases: Qual ou quais já reproduziu?

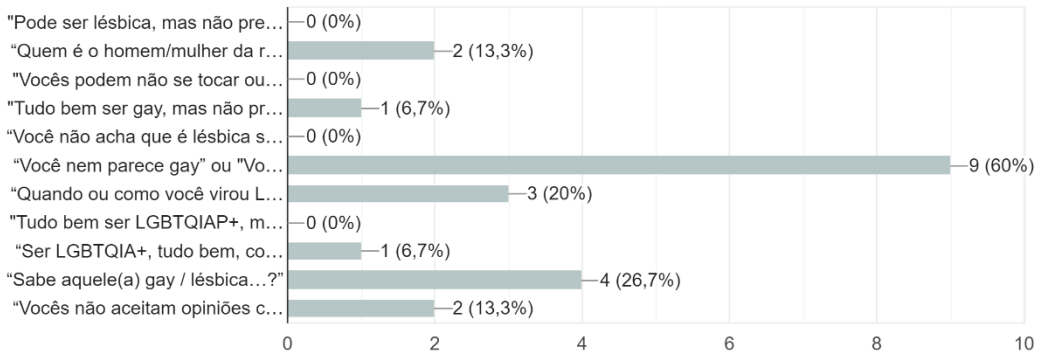
3 - Já reproduziu alguma das frases abaixo?

32 respostas



4. Se sim qual ou quais delas? Se quiser, marque mais de uma opção.

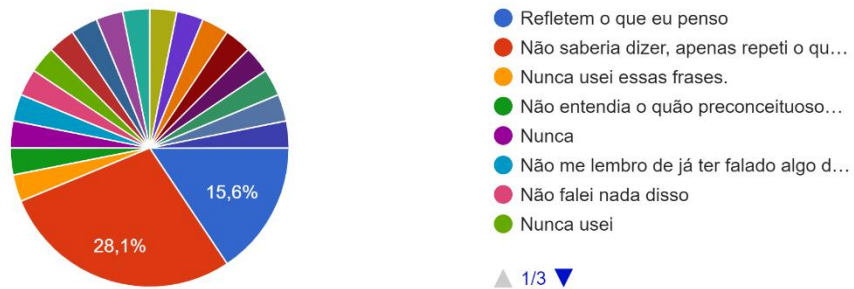
15 respostas



Frases: o que pensa de quem as fala ou repete

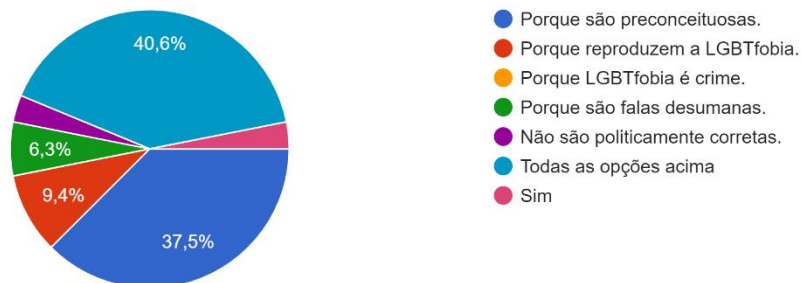
Por que, em sua opinião, você usou uma ou mais dessas frases?

32 respostas



Se não, por que?

32 respostas



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Considerado um dos maiores sociólogos de língua francesa, Pierre Bourdieu é um dos mais importantes pensadores do século 20. Sua produção intelectual, desde a década de 1960, contribuiu de forma bastante significativa na Europa, especificamente na França. Bourdieu é um crítico feroz das práticas de reprodução das desigualdades sociais e por conta disso, concebeu um respeitável referencial no campo das ciências humanas.

A violência simbólica para Bourdieu significa mais do que uma forma de violência que opera simbolicamente, é a violência exercida sobre um sujeito, muitas vezes, com a sua cumplicidade. Como exemplo do exercício da violência simbólica podemos citar relações de gênero nas quais homens e mulheres concordam que as mulheres são mais fracas, menos inteligentes, menos confiáveis, e assim como nas relações de classe em que tanto a classe operária quanto a classe média concordam que as classes médias são mais inteligentes, mais capazes de administrar o país, mais merecedoras de salários mais altos. Ou ainda que, pessoas cisgênero e heterossexual, assim como os Lgbts+ concordam que pessoas “cis” e “hetero” são mais virtuosas e que gays, lésbicas, bissexuais, travestis, pessoas trans são fadadas ao fracasso, não são confiáveis e portanto, devem manter-se à margem.

O poder é habitualmente compreendido como a capacidade de um determinado indivíduo de infligir sua vontade a outros. Durante séculos distintas escolas e tradições dedicaram-se a analisá-lo e explicá-lo. O poder simbólico para Bourdieu (1989) é, fundamentalmente, um poder de construção da realidade. Tal poder detém os meios de afirmar o sentido imediato do mundo, instituindo valores, classificações (hierarquia) e conceitos que se apresentam aos agentes como espontâneos, naturais e desinteressados.

O poder simbólico “faz ver e faz crer”, transforma a visão e a ação dos agentes sociais sobre o mundo – e desse modo, o mundo. É um poder “[...] quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) e só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário [...]” (BOURDIEU, 1989, p.14).

É necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser

exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

A desigualdade na distribuição de recursos e poderes é o que gera a diferença entre os grupos sociais, pelo qual podemos dividir em: capital econômico (renda, salários, imóveis), o capital cultural (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos), o capital social (relações sociais que podem ser revertidas em capital, relações que podem ser capitalizadas) e o capital simbólico (o que comumente chamamos prestígio e/ou honra). Para Bourdieu, a violência simbólica pode ser tomada por diferentes instituições da sociedade: o Estado, a mídia, a escola, etc.

Se é a partir das frases que estamos a observar a violência simbólica a que sujeitos estão submetidos, ora como agente, ora como vítimas, escolhemos trabalhar com Análise de Discurso Francesa, através dos conceitos de Interdiscurso e de Formação Discursiva. Segundo Eni Orlandi, o Interdiscurso tem íntima ligação com a memória. Para Orlandi (2005), a memória também faz parte do discurso, logo, a maneira como ela surge induz às condições de produção do discurso, e assim a memória é considerada “interdiscurso”. O interdiscurso é algo que fala antes, que surge de um lugar independente, é o que a autora chama de memória discursiva, é algo que já foi dito e que causa efeito no que se está sendo dito.

[...] O fato é que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua reação com os sujeitos e com a ideologia. A observação do interdiscurso nos permite, remeter o dizer da faixa a toda uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos. (ORLANDI, 2005, p. 32).

Desta forma, no discurso é onde se pode perceber que há relação entre o já dito e o que se está sendo dito, ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido (memória) e a sua formulação (atualidade). Em todo o dizer há um já dito, ou seja, em todo o discurso está presente o interdiscurso, ou melhor, em toda “fala” que ainda está sendo

dita, está presente outra que já é conhecida por quem fala. Convém explicitar que o termo “conhecida” não implica que o sujeito enunciador do discurso tenha se lembrado do “já dito”, tal sujeito pode estar esquecido, visto que, os “já ditos” formam a nossa memória discursiva, eles podem surgir inconscientemente no discurso. A consciência desse fato nos leva a compreensão do funcionamento do discurso e sua relação sujeito-ideologia. Para Orlandi, todo o discurso tem um sujeito, e todo sujeito tem uma ideologia.

Para melhor interpretar a nossa pesquisa, escolhemos a Formação Discursiva e é a partir da forma como Foucault (2008) concebeu a formação discursiva que a mesma será ponderada e relacionada ao interdiscurso. Para que o conceito de formação discursiva surta um efeito adequado nesta exposição é preciso um entendimento sobre a maneira como Orlandi (2005) concebe os efeitos gerados pelas formações discursivas. A autora manifesta, afirmativamente, que os sentidos são determinados por posições ideológicas em jogo no processo histórico-social no qual as palavras são produzidas.

Nessa perspectiva, as palavras ganham sentido ou mudam de sentido em acordo com as posições tomadas pelos seres que as empregam. As palavras, então, tiram seus sentidos dessas posições e as posições adotadas pelos sujeitos estão relacionadas às formações ideológicas, ou seja, há ideologias em todas as formações discursivas, disso resulta que há ideologia em qualquer posição em que o sujeito se inscreva. Então, a partir de uma posição dada em uma determinada conjuntura sócio histórica, a formação discursiva determina aquilo que pode e deve ser dito.

CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Em relação ao perfil dos respondentes, 71% era composto por mulheres, 25% pros homens e 3,1% preferiu não informar. Em relação à identidade de gênero, 93,8% se disse cisgênero, 6,3% preferiu não informar. Em relação à orientação sexual, 75% se identificou como heterossexual, 9,4% homossexual, 12,5% bissexual e 3,1% preferiu não informar. Em relação à pergunta: Já ouviu algumas dessas frases? Se precisar, marque mais de uma opção. As frases mais ouvidas foram: “Quem é o homem/mulher da relação?” (75%) e a menos ouvida foi “Vocês podem não se tocar ou beijar? Meus filhos não vão entender”(12,5%), o mesmo percentual de pessoas que afirmam nunca terem ouvido as frases. Perguntados de quem teriam escutado as frases, familiares e amigos ocuparam as posições de liderança. Quando perguntados se eles/elas/elus já haviam

usados estas frases, 43,85 diz já ter falado enquanto, 28,1%, assume ter dito. As opções, “não que me lembre” e “talvez, ficaram com (15,6%) e (9,4%), respectivamente. Em relação às frases mais ditas, “Você nem parece gay” ou “Você nem parece lésbica”, alcançou 60%. Acerca da motivação, 28% assumem que não sabem porque disseram, apenas repetiram. Enquanto, 15,6%, assumem que as frases refletem aquilo que pensam, enquanto, 3,1% afirmam nunca ter dito nenhuma das frases. Quando perguntados o motivo pelo qual, não teriam dito, 37% dizem que são frases preconceituosas e 6,3% porque são desumanas.

Para efeito de análise, trabalhamos com as frases que os respondentes assumiram ter dito e os motivos que os mesmos alegaram para fazê-lo.

FD 1 – 60%

“você nem parece gay” ou “você nem parece lésbica”

A FD 1 é uma típica violência a que Lgbts+ são submetidos em seu cotidiano. Não parecer gay, lésbica é uma das formas de construir um modelo de heterossexualidade como referência para que, a partir deste olhar, se identifique os sujeitos. Para um Lgbt+ ouvir que não se parece com um gay ou lésbica ou que nem parece ser pessoa Trans(seja uma travesti, uma pessoa transfeminina ou transmasculina), trata-se de violência porque o outro traz surpresa ao “descobrir” quem o sujeito é.

FD2 – 26.7%

Sabe aquele gay? Sabe aquela lésbica?

A FD 2, traz uma das formas mais cruéis de violência através do uso da fala. Ser marcado por algo que independe de escolha, trata-se de uma condição, pode ser comparado à marcação de gado. É como levar para onde quer que vá

FD3 – 20%

Quando você virou Lgbtqiap+

A FD3, por sua vez, reflete o pensamento de um grupo de pessoas que acreditam que ser Lgbt+ é uma escolha. A violência está exatamente em pensar que é possível escolher ser vítima de tanta discriminação e violência.

FD 4 – 13.3%

Vocês não aceitam opiniões e ficam de mimimi.

A FD4, reflete um pensamento presente no discurso de lgbtfóbicos, discurso que ganhou força no último governo. Poder livremente amar, andar com seu amor do lado, expressar seu desejo e garantir ir contra um grupo conservador, não pode ser visto como mimimi. O mimimi tem uma conotação pejorativa, sendo muitas vezes utilizado para satirizar alguém que, na verdade está defendendo sua posição e não, reclamando da vida.

Perguntados, “Por que, em sua opinião, você usou uma ou mais dessas frases?”, 28,1% não sabem dizer porque, apenas repetiram o que ouviram nos seus lugares de referência. Já 5% dos respondentes, assumiram que as frases refletem o que pensam. Os 56,3% restantes, afirmam não ter dito ou não saber se disseram, ou disseram pela forma como a pessoa se comportava. Cerca de 3,1% afirma nunca ter dito nenhuma das frases, mesmo tendo ouvido de amigos e familiares. Em seus comentários, deixaram algumas considerações, tais como:

1. Espero que depois dessa pesquisa, possamos buscar meios para diminuir a homofobia. Muitas das vezes, ouvi as frases citadas acima em todas de amigos, e elas foram ditas como brincadeira. Mas homofobia não é brincadeira, e pra quem tá falando talvez não seja nada demais, mas pra quem ouve sim! Então essas práticas devem acabar.
2. Importantíssimo, principalmente quando a falta de ética e empatia em todo e qualquer ambiente é muito presente.
3. Achei interessante a pesquisa e de extrema importância na universidade.
4. Importantíssimo as questões aqui colocadas, infelizmente muitos de nós que estamos cursando um ensino superior temos discursos preconceituosos e criminosos, e muitas vezes esses discursos são propagados de forma consciente pelos estudantes, infelizmente.
5. Precisamos debater mais e mais sobre a diversidade, esse é o caminho para uma sociedade menos preconceituosa.

6. É uma pesquisa válida, visto que inúmeras pessoas/universitários ainda reproduzem falas homofóbicas nas instituições, mesmo com todas as informações e orientações no ensino.
7. Lgbtfobia é crime
8. A pesquisa faz a gente refletir sobre o nosso comportamento diário. E que em alguns acontecem por ainda não termos uma educação ou discussão sobre o assunto.
9. Importante pesquisa para entender e mapear a comunidade LGBTQIA+ dentro da universidade
10. Importantíssimo para refletir sobre nossas atitudes preconceituosas.
11. Pesquisa maravilhosa
12. A pesquisa é aparentemente relevante, pois, ainda na faculdade ouvir certos comentários como esse é muito recorrente.
13. Eu acredito que, independentemente de seu gênero e orientação sexual, a pessoa deve respeitar o limite de cada uma.

CONCLUSÃO

Algumas questões não puderam ser alcançadas neste trabalho, ficando como sugestões para pesquisas vindouras, pois este foi um trabalho introdutório, que lhe competiu demarcar as bases para trabalhos posteriores que poderão complementá-lo. Ao relatar sobre a violência simbólica, Bourdieu incita as classes dominadas, especialmente as mulheres, a uma luta aberta contra o estado, a escola e os meios de comunicação social, para que possam finalmente assumir um papel original e bem definido contra todas as formas de dominação e principalmente esta, “violência simbólica da dominação masculina”. Porém, ao debatermos sobre a violência simbólica e suas implicações também na educação, temos a sensação de que é um processo irreversível e de que nada podemos fazer em relação a isto. Todavia, o fato de saber que somos, ao mesmo tempo, agentes e vítimas deste tipo de violência é o primeiro passo para começarmos a combatê-la. A violência simbólica é, contudo, a grande líder de todos os outros tipos de violência. É esta violência invisível, tênue e ainda mais audaciosa, propagada todos os dias na mídia, propagandas, bem como em produções artísticas e culturais que nos atacam, nos atacam por todos os lados, sem que tenhamos plena consciência disso.

A análise proposta por Bourdieu com relação às classes dominantes tem um papel decisivo na perpetuação das condições de classe na sociedade, pois pode acabar-se por assim gerar vários efeitos sociais, no qual têm-se os “dois lados da moeda”: Ela pode

reforçar ainda mais este tipo de comportamento imposto pelo dominante social ou pode contribuir para neutralizá-la, favorecendo a mobilização das vítimas inclusas neste contexto social. Por fim, a violência simbólica é, contudo, a grande líder de outras violências e o primeiro passo para combatê-las.

REFERÊNCIAS:

BAHKTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem* São Paulo: Hucitec, 1979.

BOURDIEU, *O poder simbólico*. Rio de Janeiro. Bertrand. Brasil S.A, 1989

FOUCAULT, Michel: **A Arqueologia do Saber**, 1926-1984; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique: **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas, S.P: Pontes: 1997.

MICELI, S. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.VII-LXI.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 1992.

_____ *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, [1999], 2005^a

_____ *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2005.

